

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CASA DE OSWALDO CRUZ**

***ADAUTO JOSÉ GONÇALVES DE ARAÚJO***  
**(Entrevista)**

## Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP): 50 anos de História

Entrevistado - Adauto José Gonçalves de Araújo (AA)

Entrevistadores - Maria Cristina Fonseca (CF) e Paulo Roberto Elian dos Santos (PE)

Data – 07/04/2004

Duração – 1h55min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

ARAÚJO, Adauto José Gonçalves de. *Adauto José Gonçalves de Araújo. Entrevista de história oral concedida ao projeto Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP): 50 anos de História*, 2004. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 37p.

Data: 07/04/2004

### Fita 1 - Lado A

CF – Bom, vamos começar então a nossa primeira entrevista com o Adauto. E hoje... que dia é hoje?

AA – 7 de abril.

CF – 7 de abril de 2004, estão presentes Cristina Fonseca e Paulo Elian. Bom, Adauto, a gente tinha começado a conversar, então vamos... A nossa idéia era tentar recuperar um pouco a partir do período que você ingressou na Escola, né? Em que ano, como é que foi seu ingresso, pra aí depois a gente chegar na sugestão, especificamente na direção da Escola, não é? Então você estava falando do curso...

AA – É, eu tinha acabado de me formar em Medicina na UFRJ e o professor Odílio Machado, que era o chefe do Departamento de Parasitologia, me indicou que fizesse mestrado que ia começar aqui na Escola Nacional de Saúde Pública, que tinha sido organizado pelo Luis Fernando Ferreira e pelo Gilberto de Freitas que era um professor de Parasitologia. Então no mestrado de Parasitologia e Virologia. Depois da primeira seleção da turma, passaram 40 alunos que entraram pra o curso de adequação. Esse curso de adequação, de nivelamento na verdade, era um curso de 6 ou 8 meses, se não me engano, e depois dessa turma de 40, ficaram 20 alunos: 10 pra Parasitologia, 10 pra Virologia. Quem coordenava a Virologia era o Hermann Schatzmayr. E daí então iniciou o mestrado. Esse foi o primeiro mestrado da... do que viria a ser Fundação Oswaldo Cruz, que começa na Escola. Depois ele se transforma num mestrado de Biologia Parasitária e foi para o Instituto Oswaldo Cruz. Tanto que a minha tese de mestrado foi defendida em 1º de abril de 1980. (*ri*) Foi a primeira, aí foi a primeira tese da Fiocruz. Foi interessante porque fui orientado pelo Luis Fernando, não havia modelo pra impressão, não sabia ainda como fazer, a gente seguiu alguma orientação do livro do Luis Rey, que escrevia trabalhos científicos, então nós fizemos segundo o modelo que ele preconizava naquela época e daí serviu de modelo pra algumas teses. Até que veio a mudar, enfim, a capa da tese, ela reproduzia a capa das memórias do Instituto Oswaldo Cruz da época. Era verde com... emblema... Foi assim que foi feita. Foi defendida no... no Pavilhão de Cursos. E foi muito interessante porque foi pra uma primeira tese, tinha bastante gente e eu fui entrevistado. Foi a primeira entrevista que a Cristina Tavares fez (*risos*) segundo ela. (???) uma série de histórias. (???) (*CF fala algo*)

PE – Mas ela vale como Escola de Saúde Pública ou Instituto...?

AA – Não, como Instituto Oswaldo Cruz. Em tese...

PE – Oswaldo Cruz.

AA – É. Porque o mestrado em Virologia e em Parasitologia, ele se transforma em mestrado em Biologia Parasitária e vai para o Instituto Oswaldo Cruz. E a Escola Nacional de Saúde Pública começa exatamente um pouco depois, acho que em 77, com o mestrado de Saúde Pública. Agora, o doutorado eu vim fazer aqui. depois que eu terminei o mestrado, fiquei esperando abrir o mestrado, o doutorado em Biologia Parasitária, mas estava demorando, era um processo arrastado porque o mestrado não havia sido reconhecido, e nesta época eu era professor da universidade e...

PE – Na...?

AA – Na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no Departamento de Parasitologia. E lá não reconheciam o diploma daqui ainda, né, porque não era reconhecido pelo MEC, enfim aqueles trâmites burocráticos. De maneira que eu queria entrar pra o doutorado mas aonde eu fosse reconhecido. E abriu o doutorado em Saúde Pública aqui, que eu já conhecia, onde eu tinha feito todo um trabalho de tese e eu vim pra cá pra fazer o doutorado.

PE – Logo em seguida?

AA – Logo em seguida. Quer dizer, comecei no doutorado na verdade, em 83, foram três anos de intervalo. Já estava trabalhando numa tese, tanto que eu defendi em menos de quatro anos, acho que foi em três anos e meio, a tese sempre de (*Paleo-parasitologia?*), tanto a de mestrado quanto a de doutorado e com o Luis Fernando orientando. E aí eu vim pra cá fazer o doutorado. Já estava terminando o doutorado quando surgiu a oportunidade, um convite de vir para a Fiocruz. Isso foi em 84.

PE – Esse período você estava dando aula na UFRJ.

AA – Na UFRJ, na graduação. Era professor-adjunto lá. Por conta do mestrado, o tempo de trabalho, aquela coisa, que tinha uma lei que tinha sido promulgada recentemente e aí passou de professor-assistente a professor-adjunto. E eu vim pra cá... (*ri*) – foi engraçado – eu vim pra cá como auxiliar de serviços de laboratório. Na verdade, a idéia era que eu viesse como pesquisador, mas a vaga que existia teve de ser dividida em duas porque uma outra pessoa também foi contratada. Então não havia recurso, e só havia recurso pra ele. Aí “Então, tá bom, eu vou!” (*ri*) Aí, enfim...

PE – Transformaram o pesquisador em dois auxiliares...

AA – É, e como auxiliares de serviços de laboratório. (??) (*risos*) Batia ponto e aquela coisa... Pesquisador não batia ponto. E... mas de qualquer maneira eu pedi... – como é que chama? – suspensão contratual. Porque eu não tinha muita certeza se ia ficar como auxiliar de serviços... gerais, sei lá... Aí pedi suspensão de contrato na UFRJ e dois anos depois, de 84 a 86, foi quando o Arouca entrou pra presidência, Luis Fernando foi pra vice-presidência, o Mauro (*Marzoqui?*) veio pra ser chefe do Departamento de Ciências Biológicas, onde eu estava, e não só meu caso, mas de outras pessoas também, o Mauro conseguiu então junto com a presidência, né, passar as pessoas pra os seus devidos cargos. Aí eu pedi exoneração lá da UFRJ e fiquei aqui até hoje. E passei a pesquisador também, deixei de ser auxiliar.

CF – Claro! (*risos*)

AA – E nunca me arrependi, foi a melhor coisa que eu fiz na vida. Isso aqui é o melhor lugar pra se trabalhar, não tenho a menor dúvida. Conheço outros, conheço prefeitura, centro de saúde – que eu trabalhei também – não tem nem comparação com o que a gente faz aqui. É um serviço prazeroso, um lugar muito prazeroso de se trabalhar. É essa a história.

CF – Adauto, como é que foi... você lembra um pouco do doutorado, como é que era...? Quer dizer, estava começando, né, você pegou o início desse projeto...

PE – Primeira turma não, né? Porque começou em 77 também, já era...

AA – Não, o doutorado começou um pouco depois. Eu não peguei a primeira turma não. Quer dizer, eu fui contemporâneo na primeira turma. O doutorado, havia uma entrada, era a Ana (*Tambeline?*), era coordenadora, e estava sendo aberto naquele período... – eu não sei dizer exatamente, tem os relatórios, mas eu não me lembro – Eu entrei em 83, eu não sei se ele foi aberto em 82, 81, por aí. E... mas aí havia alguns alunos, eram quatro ou cinco alunos... as disciplinas eram um doutorado tutorial, por isso havia uma seleção pelo orientador que apresentava um candidato. A comissão de Pós-graduação fazia, aprovava ou não, e aí se começava a trabalhar. Se faziam diversas disciplinas fora, podia, pelo orientador que indicava: “Faz aqui, faz ali...”, e dentro da Escola também, as obrigatórias que eram tidas como obrigatórias de disciplinas gerais do próprio mestrado. Então isso, havia uma... Depois de algum tempo esse doutorado foi suspenso, a coordenação de Pós-graduação, se meu não me engano, na época em que o (*Clóvis Tuquine?*) foi o coordenador, ele resolveu suspender pra se pensar o doutorado em Saúde Pública nos novos moldes...

CF – Você lembra em que ano foi isso?

AA – Não me lembro exatamente..., mas isso eu depois eu posso ver...

PE – Por que da área assim, por que ele não (??)...?

AA – Porque não havia uma estrutura, não havia um núcleo... definido de doutorado em Saúde Pública. Os candidatos que apareciam, apareciam de acordo com a... a especialidade ou a linha de pesquisa do orientador. Então ficava...

PE – Não tinha uma linha de pesquisa claramente definida...

AA – Isso, é, ficava...

CF – Na instituição, né?

AA – É, ficavam inteiramente soltos. Suponha um que veio pelo Saneamento, ele fazia um doutorado em Saneamento, não sabia o que era o SUS. O outro faz o Planejamento, não sabe nada de Epidemiologia. Outro faz Ciências Biológicas, não sabe... enfim, nada das Ciências

Sociais. Então não havia assim um núcleo de informações que desse um sentido ou uma clareza, uma definição para o doutorado em Saúde Pública. Então ele foi interrompido nesse período e reaberto... acho que em 90, 1990, é isso. Foi reaberto...

CF – Mas e aí as pessoas que já estavam cursando?

AA – Acabaram.

PE – Não entraram.

AA – Não entraram, não tiveram entradas novas.

CF – Mas quem já estava... (*PE fala algo*)

AA – Quem já estava, continuou. Ele não foi... O que se interrompeu foi a...

CF – A seleção, o processo de seleção pra incorporação...

AA – O processo de seleção das turmas, é. Então... veio a Maria Cecília (*Minai?*) coordenando a pós-graduação, o Paulo Buss era o diretor... E ela então organizou uma comissão de pós-graduação e reorganizou o doutorado, como também o mestrado. Foi aí uma... um salto de qualidade muito grande na pós-graduação da Escola, a Escola de Saúde Pública do Sérgio Arouca tem... tem assim, tudo é reconhecido no trabalho da Cecília, né,...

PE – Nesse momento.

AA – ...nesse momento.

PE – Ela foi coordenadora da...?

AA – ...da pós-graduação.

CF – Como é que foi esse processo, Adauto? Tinha um grupo, uma comissão, (??)...

AA – É, ela fazia parte dessa comissão. Ela...

CF – Você tinha, isso era feito por departamentos ou era sempre interdepartamental...?

AA – Era por linha...

CF – Como é que era isso?

AA – Não. Era por... Ela chamou os pesquisadores com maior produção, maior representatividade dentro da área de Saúde Pública, o Luis Fernando fazia parte dessa comissão, o Carlos (*Minai?*), eu fazia parte, o Joaquim Cardoso também fazia parte... eu esqueci o nome das pessoas.

CF – Não, tudo bem é só pra entender a lógica. Quer dizer, tinha representantes de todos os departamentos.

AA – Teve um que... Esse deu uma contribuição enorme. Era um paulista que estava na época no Fernandes Figueiras. – Eu sempre esqueço o nome dele – Uma pessoa assim extremamente importante. O nome me foge agora. Mas... então, e aí se pensou numa estrutura de doutorado com disciplinas obrigatórias, disciplinas básicas que seriam eixos, que hoje são atualmente os seminários avançados, que se fornecem as informações sobre saúde pública, você acompanha as teses... E nessa época se pensou num doutorado de uma maneira inteiramente tutorial. Retomando aquele conceito anterior, aquela idéia anterior, de colocar nas mãos do orientador a decisão: primeiro, da seleção do aluno e segundo da condução dele ao doutorado, fazendo essas disciplinas que seriam consideradas de um (??). Na primeira seleção aconteceram alguns eventos que a gente resolveu voltar um pouquinho atrás, mas bem... é uma questão de reajuste na verdade. Porque essa seleção se fazia assim: bom, cada orientador era selecionado ou credenciado. Você pode orientar ou você pode não orientar. Pode orientar quem tem doutorado, quem tem uma produção científica de ‘x’ artigos publicados... Enfim, tinha uns critérios para ser orientador. Ter orientado tese de mestrado antes do doutorado, tinha uma série de critérios. E então se atribuiria uma vaga a ele. Acontece que alguns orientadores não se acharam em condições, ou não quiseram, por diversos motivos, eles não quiseram selecionar os alunos. Porque às vezes tinha mais de um aluno. Então quem tinha que fazer isso? Aí tem que se montar uma comissão que examinava os... aspectos formais, se o aluno tinha sido diplomado, se ele tinha feito doutorado, se tinha produzido algum artigo científico... em que linha ele tinha feito o projeto, qual era a linha do orientador pra ver se estava se enquadrando direitinho, e essa questão da seleção, né? Se ele tinha... se tinha dois candidatos pra um orientador, ele tinha que escolher um. Então o orientador tinha (?) pontuação de escolher “esse daqui em primeiro, esse em segundo...” tinha que fazer esse tipo de coisa. Então houve assim uma certa...

CF – Quer dizer, então montou uma comissão de seleção que definia critérios pra o orientador poder fazer.

AA – É... isso. É. E existe até hoje, na verdade. E foi a partir daí que a gente tem a configuração atual de mestrado e doutorado em Saúde Pública da Escola. Que a gente acabou de criar a comissão aqui de pós-graduação, que é a coordenação e a comissão. Nós terminamos ontem o relatório pra (CAPS?), trabalho (*infernal?*), e uma das frases a gente coloca assim: “A ENSP tem o maior, a maior pós-graduação das Américas”. (*ri*) Mas a gente não tá mentindo, a gente tá falando, não tá assim nem... exagerando. Mas é verdade. De 2003 para o mestrado em 2004, se inscreveram 440 candidatos, que é muita coisa. Isso a gente não tinha... a gente teve que fazer a prova de seleção no sábado porque senão não tinha sala, não tinha espaço pra fazer. Imagina o trabalho que se tem pra corrigir as provas, pra... enfim, a gente faz uma prova de inglês que é eliminatória, inicial, e no final desses 440 acabaram ficando 69 alunos pro mestrado, né, sendo selecionados. Então...

PE – Quantas vagas?

AA – Eram 75 de mestrado. E ficaram 69. Pra o doutorado foram 38, se não me engano.

CF – Quantos candidatos também? Muita gente pro doutorado também?

AA – Não, doutorado é bem menos. Doutorado foram... Ah, não! 440 é mestrado e doutorado! Eu acho que foram 389...

CF – ...pro mestrado.

AA – ...pro mestrado. Eu tenho isso em algum lugar.

PE – Esse modelo que você falou, tutorial, quer dizer, que foi desenhado nesse período, em 90, que você falou, ele permanece ainda hoje doutorado com essa... ele ainda...

AA – Permanece. Ele foi ao longo desses anos... (???) era muito menos, atualmente nós temos 141 doutores a Escola, né? Desses 141, 82 fazem parte como docentes da pós-graduação *stritus senso*. Os outros 60, eles dão aula nos cursos *latu senso*, de especialização, de coisa... e não participam desse... participam menos, né? Esses 82 são aqueles que orientam, que ministram disciplinas... no mestrado e no doutorado.

PE – Dos pesquisadores da Escola.

AA – Da Escola. Exclusivamente da Escola. Então o mestrado, ele começa de uma maneira semelhante ao que existe hoje. Assim, ele é dividido em sub-áreas de concentração, são atualmente oito áreas de concentração, cada uma com um coordenador. Em geral não é departamental. As sub-áreas às vezes fundem departamentos e outras vezes são bem departamentais também. Então, com isso, no mestrado cada uma dessas sub-áreas tem uma disciplina de seminários avançados, então o coordenador está semanalmente em contato com os alunos de toda sub-área, durante um ano inteiro, ele acompanha o desenvolvimento das teses, dos trabalhos de dissertação e o mestrado, ele tem passo a passo, tanto do orientador quanto do coordenador. As informações que os coordenadores trazem à pós-graduação, são muito... muito bem acompanhadas. São... “Olha, esse aluno tá com problema... Esse aluno já fez tudo... Esse aqui vai defender... Esse aqui vai atrasar...” sabe exatamente o acompanhamento. Enquanto que no doutorado isso se dilui inteiramente. No primeiro ano, que é o ano das disciplinas, o aluno tá aqui, então a gente acompanha mais ou menos. Depois nos outros três anos ele só tem contato com o orientador. E às vezes isso se torna um pouco difícil porque são alunos de outros estados, que voltam pra os seus estados pra fazer o trabalho... enfim, esse contato se perde um pouco. De maneira que a gente tá com dificuldades em... na verdade, de fazer a gestão desse número enorme de alunos de doutorado que se tem. A Escola tem por ano, em torno de 70, 80 alunos de doutorado. Esses... isso é multiplicado por quatro, dá um número enorme. Então o controle disso, a gestão disso tudo e o acompanhamento desses alunos se torna difícil. Então a gente tá estudando, quando eu entrei pra coordenação no ano passado, eu fiz uma proposta de se estudar a situação atual, fazer uma análise da situação atual e se possível pensar numa nova estrutura para a pós-graduação da Escola Nacional de Saúde Pública. Então a minha idéia é que esse programa de pós-graduação atual, ele possa dar origem a três novos programas. Não mais apenas a um



único programa em Saúde Pública, mas um programa em... não tenho ainda assim os nomes da, mas seria... Posso (??)?

CF – Pode! (*pausa na gravação*) Estava falando sobre a sua proposta de repensar a pós-graduação...

PE – (??) três...

AA – É, é... então, não é só minha, é aqui da coordenação. Era criar novos programas. Desse programa de Saúde Pública saírem novos programas. Talvez um programa de epidemiologia, outro de políticas públicas e gestão e um outro de saúde-ambiente. E com o tempo todas as linhas de pesquisa, elas são 27 linhas de pesquisa da própria Escola. E tornariam mais... tornaria mais fácil a...

PE – ...a gestão desse...

AA – ...gestão, administração desse número...

CF – Claro!

AA – ...excessivo de alunos. Claro que é um programa interessantíssimo. Quando a gente faz o relatório, pega as informações todas que os professores passam e os alunos passam, fica muito interessante você ver como é grande a produção da Escola, como é interessante, diversificada e ao mesmo tempo também é uma imagem que talvez a Fiocruz não tenha tão clara... como se produz artigos, como se publicam artigos na área da saúde pública nas grandes revistas internacionais. Em 2003, os professores da ENSP, né, eles são só da escola, do programa, são... a gente chama de “Núcleo de referência docente”, são... desses 82 são 57. Desses, 57 pesquisadores publicaram 90 artigos em revista internacional. De circulação internacional (???) (*PE fala algo*) É, que a CAPS chama (?). A e B, porque aí tem A e B.

CF – É um número significativo.

AA – É muito grande! (*falam ao mesmo tempo*) É, dois por pesquisador. Claro que aí tem artigos que são publicados... Não, isso não conta.

PE – Não conta.

AA – No Núcleo não. Mas são publicados por mais de um pesquisador e pelos alunos também. Porque a gente exige... Por exemplo, pro docente ser orientador do doutorado ele tem que ter no mínimo, mais do que três artigos publicados nos últimos dois anos. Então a (?) tem que ter mais de três. Para que o aluno entre, o candidato entre no doutorado, ele tem que ter publicado um artigo. Então ele fazia a qualificação após o segundo ano, metade do curso, ele tem que publicar um artigo. Então essas exigências vão forçando na realidade (*falam juntos*) estimulando melhor a produção científica, né?

CF – Claro.

PE – Essas exigências que vocês definiram aqui no (*relatório?*).

AA – Sim... É.

PE – Evidentemente sintonizadas com (*falam juntos*) o programa nacional de pós-graduação.

AA – ...pós-graduação. Em que a CAPS tem uma... uma ordenação.

PE – Nesses anos que você tá acompanhando a pós, desde que você entrou aqui, que mudanças... você viu mudanças assim, por exemplo, vamos mostrar do ponto de vista do desenho das linhas de pesquisa (??) da estrutura do programa, mais assim, dos alunos. Quer dizer, você percebe algum tipo de... você tem algum diagnóstico disso, pensando quantos anos você... desde que entrou a... começou a dar aula no Programa o quê? Em...

AA – Quase trinta anos.

PE – Quase trinta anos. Você vê, que tipo de... (?).

AA – A mudança maior, embora... Não, houve... houve uma oscilação, né? Quando eu entrei pra fazer a pós-graduação, a minha turma era basicamente de pessoas recém-formadas, já tinham terminado a graduação, de origens diversas: da medicina, da biologia, da enfermagem, da farmácia... Eram pessoas que tinham que se tinham graduado e vieram procurar a pós-graduação. A maioria da minha turma também já estava inserida nas universidades. Eu não estava ainda nessa época, entrei uns meses depois. Mas quando eu vim pra cá (?) eu ainda não era professor... e já tinha um caminho, né, que eu queria seguir. Depois de algum tempo de acompanhamento desse programa de pós-graduação, a gente começa a ver um crescimento da faixa etária no momento em que entra. Uma das turmas que entraram pra o doutorado, eram pessoas com... já mais do que experientes, que não tinham sido tituladas ainda. Isso foi na reabertura que foi exatamente em 90, 91, quando se reabriu o doutorado. Tinha muita gente da própria instituição fazendo o doutorado. Isso acontece aqui e acontece no Instituto Oswaldo Cruz também numa determinada época. Coincide com a exigência da titulação, as normas da CAPS também, que coloca: “Não, pra você dar aula de especialização ou uma pós-graduação *stritus senso*, tem que ter o título de “Doutor””, enfim. Começam a acontecer essas coisas. E essas pessoas então, a faixa etária sobe... e aí tem essa mudança. Agora, novamente, também muita gente de Serviço. O pessoal da Saúde Pública que tem uma origem no Serviço muito grande. Se mesclava na turma o pessoal da dita, chamada “área acadêmica”. Quer dizer, as pessoas que estavam na universidade dando aula, fazendo pesquisa e aqueles que vinham dos serviços em busca também de um aperfeiçoamento, de uma melhoria no seu trabalho, no seu conhecimento. Isso colocava algumas dificuldades. E a gente notava isso claramente... pelas exigências que o mestrado acadêmico tinha de disciplinas, de horários, de conformação da própria estrutura dele e as pessoas que trabalhavam no Serviço, um Serviço de ponta e coisa, mas que não tinham tempo suficiente para fazer isso, fazer o mestrado. E essa foi uma das discussões que vieram a originar o mestrado tradicional...

PE – ...Tradicional. É.

AA – Isso eu me lembro, eu estava na época na direção aqui na Escola, de queixas de pessoas assim, colegas, amigos, do Ministério da Saúde: “Eu quero fazer o mestrado lá, mas não consigo passar. Não entro, não tem horário... tem que dar, tenho que assistir aula o dia inteiro lá no Rio, não posso!...” Então se começou a pensar numa maneira de atender a essa demanda com a mesma qualidade do mestrado acadêmico, mas que permitisse uma maior flexibilidade de horários e... Então, por exemplo, o mestrado profissionalizante agora de Vigilância Sanitária também é feito em Brasília, então para o Ministério da Saúde. Ele é um curso modulado, tem disciplinas iguais à... a seleção de entrada é exatamente igual, com prova de inglês, com prova de conhecimento da área, prova de conhecimento geral e entrevista, aquela coisa toda... e entra o aluno. Depois ele cursa disciplinas, só que em vez de ser uma vez por semana a disciplina, por exemplo, de... seminários avançados, ele tem duas semanas de horário integral, de 8 às 5 da tarde.

PE – E esse doutorado começou quando, em que ano?

AA – Aqui na Escola... a primeira turma tá terminando agora em março. Isso tem dois anos.

PE – Então foi em 2002, né?

AA – É. *(falam ao mesmo tempo)*

PE – Desculpe. Vocês não têm ainda (???) profissional, né? Vocês não têm uma avaliação assim no sentido de em que medida a solução do mestrado profissional, ela atende a essas demandas que vêm do Ministério da Saúde, já tem um pouco desse balanço, disso? É cedo, né?

AA – Não, eu acho que ele está atendendo muito bem...

PE – Tá cumprindo o papel a que ele... se propõe?

AA – Eu não dou aula, ainda não dei aula no mestrado profissional. Tenho contato porque aqui eu divido a coordenação com o Carlos Machado. O Carlos Machado é o coordenador-adjunto, eu pedi a ele que quando viesse pra cá, que cuidasse...

PE – ...do mestrado profissional.

AA – ... do mestrado profissional. Ele já vinha coordenando algumas das turmas que eram da Vigilância Sanitária. *(fala algo baixinho)* Então o que a gente tem de avaliação é de que, primeiro: os alunos são assim, entusiasmados com o curso, são de fato entusiasmados; e as chefias também. *(ri)* Pelo que eu soube, eu não posso confirmar, mas que o próprio ministro da Saúde passando num dos estandes da Fiocruz, num dos congressos, junto com o Paulo Buss: “Ah, quando eu terminar o meu ministério eu vou fazer esse mestrado!” *(risos)* Bom,...

PE – *(Pelo menos foi?)* uma boa avaliação!

AA – É. Mas essa... esse é um dado, porque o pessoal que é da FUNASA, que a gente tem contato bom, outro dia vieram aqui pra fazer a qualificação, foi uma... a turma inteira veio ao Rio pra fazer qualificação. O chato é que coincidiu com o período de paralisação, mas mesmo assim a gente fez tudo aqui na escola. Com uma certa dificuldade, mas deu pra fazer tudo direitinho. Depois vamos comemorar (???) e foi interessante encontrar com o (*Aurélio?*) já... no tempo que a gente trabalhava, fazia trabalho de campo lá no Piauí, com doença de chagas e o Fabiano que é um deles, era um segundo... lá junto com o Jarbas, né, era coordenador... o Fabiano... (*interrupção da fita*)

### **Fita 1 – Lado B**

AA – ...pra fazer um mestrado acadêmico aqui na Escola com esse horário integral durante 12 meses praticamente. Então com essa possibilidade lá, ele trabalha dentro do Ministério no trabalho dele, termina o trabalho dele 5 horas da tarde nesses períodos (??) e vai trabalhar até meia-noite, uma hora da manhã! Tá adiantando a tese dele. Todos eles, sempre foi assim uma presença maciça, participaram da jornada científica, a última, né? Com o (?), o coordenador da área de Saúde da CAPS, esteve aqui, viu a apresentação dos alunos... se você não colocar que é um mestrado profissional, um mestrado acadêmico, você não distingue pelo título da tese, pelo trabalho que é feito, pelo resultado obtido. Então, realmente, eu acho que a avaliação é muito boa.

CF – Me diz só uma coisa, quais são as áreas? Você citou Vigilância Sanitária... que outras áreas tem o mestrado profissionalizante?

AA – Deixa eu pegar aqui pra não errar...

CF – É só pra ter uma noção, idéia...

PE – Tem a tese de Planejamento e Gestão, né?...

AA – Tem a de Formação, que é o mais recente, começou agora... Tinha... Aqui tem até as emendas, deixa eu ver aqui pra não... ... pra não errar. Você quer parar aí?

CF – É, vamos dar uma parada. (*pausa na gravação*) Peraí, pronto. Primeira é qual?

AA – A primeira é Gestão em Sistemas e Serviços de Saúde, que começou em 2002. Esses são alunos da Secretaria de Atenção à Saúde do Ministério da Saúde. Esse curso, ele é feito em parceria... Não, esse é daqui mesmo. Tem um outro que é Gestão em Ciência e Tecnologia em Saúde, que é da Fiocruz, tem um outro que é Regulação em Saúde Suplementar, junto com a Agência Nacional de Saúde Suplementar... esse é em parceria com a Fundação Getúlio Vargas e o último que foi Gestão da Informação e Comunicação em Saúde.

PE – Vigilância Sanitária, que você citou.

AA – É. ... .. É na área de com... Porque são duas áreas, né?

PE – Ah, tá.

AA – Porque a primeira área é na área de Gestão em Saúde. Que é a área de concentração. E na área... na outra área. Porque a gente não tá... a gente tem na verdade dois cursos em turmas paradas. Então na área de Concentração de Vigilância e Saúde só tem esse da Vigilância e Saúde que é junto à FUNASA. Que já tá abrindo uma segunda turma.

CF – Agora, a escolha dessas duas áreas foi em função da demanda externa...?

AA – De demanda externa...

CF – Vocês identificaram...

AA – ...e de possibilidades da oferta também, né? Porque a coisa toda é feita junto com a demanda externa, principalmente do Ministério, né, é claro, eventualmente com uma Secretaria e com a possibilidade de atendê-la por parte da ENSP. Porque a gente não dá conta de todas (*falam ao mesmo tempo*) ...

PE – (???) quadro de professores...

AA – É. Porque há um limite de professores. A gente procura se manter dentro do que a CAPS estabelece. A gente procura que cada orientador não tenha mais do que seis alunos em atividade, orientando. Juntando doutorado e mestrado. Então isso também vale pra o mestrado profissional. Então se ele tem três no mestrado, doutorado acadêmico, ele só pode ter três no profissional. Se já tem quatro, pode ter dois. Não pode estourar essa cota, né? Então esse é um fator limitante. E para que ele tenha, seja credenciado para orientar, ele tem que ter também a produção científica. A gente dá... o professor que se intitula recentemente um recém-doutor, ele é imediatamente incorporado no Colégio de Doutores. Faz uma solicitação e é incorporado. Durante dois anos ele é credenciado para orientar o mestrado. Depois desses dois anos se faz uma avaliação da produção científica dele. Aí ele tem que ter um número mínimo de artigos publicados nesse período que é o tempo, um tempo razoável, para que ele tenha publicado os resultados da tese dele de doutorado. Se ele não publicou nada, ele não pode orientar nada, ele é descredenciado, até que venha a ter uma produção condizente. Então isso a gente faz anualmente, né?

CF – Agora, vamos voltar um pouquinho, Adauto, pra gente recuperar agora mais a sua trajetória específica na Instituição. A gente começou falando, você falou do seu ingresso, né, do mestrado, depois o retorno pra o doutorado... depois, quando você... você voltou, aí terminou o doutorado em que ano?

AA – 87.

CF – 87. E aí você já estava aqui, já tinha sido efetivado como pesquisador.

AA – Sim.

CF – Aí ficou trabalhando no Departamento...

PE – Departamento de Ciências Biológicas.

AA – ...de Ciências Biológicas. Ah, aí tem uma história interessante. Porque um pouco antes... exatamente a data... um ano antes, mais ou menos, se juntaram grupos de pesquisadores... na verdade a liderança era do Paulo (*Sabrosa?*) do Departamento de Epidemiologia. Participavam aí o Carlos (*Osana?*), também da Epidemio, o Luciano Toledo das Ciências Biológicas, eu, Luis Fernando... – pode ter mais gente que eu esqueça – e o Frederico Simões Barbosa, que na época era diretor. E aí se criou o Núcleo de Doenças Endêmicas, que era, tinha uma sala no próprio Departamento de Ciências Biológicas. A gente reunia com os alunos, era um núcleo de professores e alunos, pra se estudar as doenças endêmicas, mas num outro enfoque que não unicamente o enfoque epidemiológico, nem tanto epidemiológico, mas incluindo as Ciências Sociais, a visão da Antropologia. Logo depois veio o Carlos Coimbra pra fazer parte desse núcleo.

CF – O que é que originou isso? O que é que levou vocês a trilharem isso?

AA – Isso foi... foi uma disciplina que o Paulo Sabrosa... deixa eu ver, Paulo Sabrosa e Frederico começaram a oferecer, que era Determinantes Biológicos e Sociais das Doenças, que até hoje (?). E uma disciplina que eu esqueci o nome, que também começou com o Paulo Sabrosa e o Paulo Barata, que é matemático, tem um doutorado em (*Biologia?*) e depois saiu o Paulo Sabrosa e eu cheguei durante um ano a ministrar essa disciplina com o Paulo. Que era Biologia e Modelos Matemáticos, uma coisa assim, Biologia das Doenças Parasitárias e Modelos Matemáticos. Então a idéia de se pegar as doenças infecciosas, se estudar os ciclos biológicos e tentar entendê-las num espaço de... espaço entendido aí com a presença humana, as transformações que, digamos, provocam no espaço, as condições políticas, sociais... enfim, da... que a gente chama de “Patogênese” (?)... é que estava no fundo dessas duas disciplinas. E elas então originaram esse Núcleo que tinha uma turma de alunos de mestrado, que vários saíram aí pra ocupar postos importantes, fora daqui, inclusive na Organização Mundial da Saúde na Argentina... foi um sucesso... Uma vez a gente organizou uma ida desses alunos comigo, com o Wellington, da Epidemiologia e com o (*Valmir Laurentino?*) das Ciências Biológicas... isso é difícil de se imaginar, mas eram, eu acho que cinco alunos, nós três... sendo que o Valmir foi de ônibus, não foi de avião... Aliás nós saímos daqui de Toyota da Fundação e fomos ao Piauí, lá no Parque Serra da Capivara. (*ri*) Três dias de viagem, (*fomos duas vezes?*).

CF – Com o Wellington de guia? (??) terra dele.

AA – É, de Teresina. Mas esse é o trabalho que a gente fazia lá, faz ainda, né? Parque Serra da Capivara, com as populações do em torno do Parque, estavam sendo criadas lá. Porque na época tinha um financiamento do... de uma ONG italiana... Terra Nova. Então veio... a gente criou todo um programa... porque a situação era o Parque sendo criado, os povoados do em torno do Parque, o contato com o turismo e as transformações que iam se suceder, uma série de coisas... e o aspecto da saúde, da educação e do desenvolvimento sustentável. A coisa toda

era liberada pela (*Liege?*), é liberada pela Liege (*Guidon?*) que é arqueóloga lá da região da Serra da Capivara. E aí...

CF – E esses alunos eram daqui, né?

AA – Daqui da Escola, é. Todos os alunos eram da área de Saúde Pública, estavam fazendo as disciplinas, uma das disciplinas era trabalho e campo. Esse trabalho era montar um projeto e aí tinha uma menina que fazia, a Rosângela, fazia Nutrição... Carlos (?) fazia Epidemiologia com relação à esquistossomose... fundamentava... o Sérgio (?), argentino, trabalhava com doença de chagas, médico... Tinha uma bióloga, Aparecida, que trabalhava com biologia de barbeiro... Enfim, tinham seus... seus espaços, cada um com seus aspectos. E daí nós trabalhamos um tempo pensando, eu trazia as informações que eu já tinha ido lá várias vezes, o Paulo Sabrosa também tinha ido uma vez comigo... a gente tinha as informações gerais... Recebemos pelo projeto, vinham um médico e uma enfermeira italianos, só que a enfermeira não veio. A gente contratou uma enfermeira daqui que tinha sido aluna nossa da especialização em Saúde Pública, na época trabalhava no Amazonas, tinha uma experiência muito grande de campo... Então veio esse médico italiano, obstetra, veio pra cá e nós passamos aqui duas semanas trabalhando com eles no projeto. Desculpa, posso...? (*pausa na gravação*)

CF – Pronto. Aí você estava falando desse trabalho...

AA – Ah, sobre o Piauí, pois então! Então fomos viajando... eram três dias pra chegar lá. Quando chegamos lá passamos um mês da primeira vez e depois a cada dois meses durante todo ano de 89... menos do que dois meses, talvez um intervalo de 40, 45 dias, se passava 15 dias... tinha todo esse... a gente fez uma turma de agentes de saúde, eram pessoas das localidades pra treinar... tinha esse italiano médico que fazia obstetrícia, que trabalhava com as parteiras locais... Foi um trabalho bem interessante. E a nossa preocupação maior era com a questão da cobertura de vacina, a rede pública simplesmente não existia... era uma... localidade muito precária, aquela coisa toda... E isso tudo foi sendo montado. O projeto funcionou durante dois anos, prorrogou por mais dois anos e seis meses... e depois disso a gente viu tudo sendo incorporado ao próprio serviço municipal. De fato a coisa...

CF – Era isso que eu ia te perguntar. Tinha alguma parceria nessa época com o governo do estado...?

AA – Sim... no começo a gente... É, nós começamos isolados, né, isolados trabalhando nos municípios, mas nos povoados distantes sem ligação com as sedes porque sempre... no interior é muito complicado, principalmente no Nordeste. Sempre tem um núcleo de... médicos e pessoas com maior poder que sustenta ali toda, o hospital ou são sustentadas pelo hospital. Uma coisa bastante complicada. Então a gente queria trabalhar bastante afastado pra evitar (?). E ao pouco, aos poucos ir chegando, o que de fato aconteceu. Todo trabalho hoje... não se tem mais trabalho nesse aspecto com os municípios, eles próprios se desenvolveram e formaram turmas e... enfim, já funciona tudo perfeitamente bem... Não digo perfeitamente bem, mas muito melhor do que em 89 quando a gente começou.

CF – Aí quando você fala (AA *fala algo*) Pois é, quando você fala “tudo”, tudo o quê? O que é isso tudo? (*Sanitarista?*) ...

AA – Bem, pra começar não tinha (??). A gente saía, vinha... o encarregado que fazia as vacinas do interior, do povoado... Porque é assim: uma casa aqui, outras aqui... eram 400 metros andando na Toyota que já não tinha gasolina, não tinha vidro na janela, carregando uma cestinha de isopor com a tampa aberta, e já no final de três, quatro horas não tinha mais gelo nenhum. E dentro um calor de 45, 50 graus. O cara fazia o trabalho dele, mas não tinha idéia do que estava fazendo, injetando água nas pessoas na verdade, né? E isso então, a gente comprou aquelas geladeiras apropriadas para o interior, tinha geladeira a querosene porque na época não havia energia elétrica no... no local, porque o projeto previu a construção de centros, a gente chamava de “Núcleo de Desenvolvimento da Comunidade”, alguma coisa assim – Eu não me lembro agora da sigla. – “Núcleo de Atenção à Comunidade.” Então tinha uma escola pra crianças... local, as professoras, a gente fazia um treinamento com as professoras no aspecto da saúde, mas tinha também professoras que treinavam as professoras que vinham da (?) de São Paulo, da Universidade de São Paulo e treinavam as professoras. Faziam todo o acompanhamento pedagógico. Professoras locais também. E essa parte da saúde sempre se fez assim... não bem um centro de saúde, mas ficava constantemente, diariamente, uma pessoa, uma agente de saúde, que isso inclusive no final de um ano e meio, veio um supervisor italiano e disse: “Ah, mas esse serviço aqui já não vale nada! Olha só! No começo era esse bando de gente aqui, todo dia, todo dia, depois foi caindo e acaba que não veio mais ninguém aqui!” (ri) “Mas isso é ótimo!” Não precisa das pessoas de fato. Porque a gente montou um modelo em que o agente de saúde passava de casa em casa pra fazer as visitas, né? Ela conhecia a comunidade toda, ela de lá mesmo, então ela sabia aonde tinha que ir pra ver hiper-tenso, diabético, neném que tinha que mamar, esse tipo de coisa.

CF – Mas no Centro de Saúde era o foco, o ponto de referência pra fazer...

AA – É, a mortalidade das crianças era enorme, de bebê, né, de recém-nato por diarreia porque não tinha tempo... Tinha também a questão da cultura de esperar o terceiro dia da diarreia e da febre, se não baixasse, aí então levava pra o hospital. Pra levar pro hospital era mais um dia inteiro de viagem devido à distância e à falta de condução. Tinha que esperar passar um carro (??), custava caro. Então, não se fazia soro de re-hidratação oral, a gente começou a introduzir isso. (??) não morria mais criança, o índice era zero nesse tempo que eu acompanhei. Então tinha essas coisas...

CF – Por exemplo, você falou de uma pessoa, de um médico que trabalhava com doença de chagas... que também foi... O que é que ele fazia? Só pra a gente ter uma idéia assim de...

AA – Não, esses eram os alunos. Então eles trabalhavam, alguns desses alunos fizeram as suas teses lá, na região.

CF – Faziam uma pesquisa, levantamento...?

AA – Ele fez levantamento pra fazer um relatório aqui pra o curso de mestrado. Mas nesse relatório a gente já contava que a transmissão de doença de chagas acontecia na região, não por conta de *Triatoma infestans*, que é o barbeiro que se domicilia com facilidade e que hoje



tá erradicado do país, mas lá tem o *Triatoma brasilienses* que é uma espécie silvestre, que atraída pela luz, por ninho de passarinho no telhado... Então foi o primeiro levantamento, a gente saiu por aí, eu tenho bastante fotografia. (Eu ainda tenho fotografia dessa época?). (CF fala algo) a gente saía, a gente saía lá o dia inteiro catando barbeiro em frestas, acompanhado por um bando de meninos – novidade, né? Ainda mais o outro falando espanhol, né? (risos) (???) era muito engraçado! – e saía catando barbeiros, mostrando pra eles, aquele ovo do barbeiro, lupa, aquela coisa toda e aí no final os garotos já apontavam: “Ali é que tem! Não é aqui não, doutor, ali é que tem mais!” E aí mostrava lá. E no final a gente fez um relatório pra o Ministério da saúde, que na época não fazia a borrifação das casas, não fazia, pra controlar essa população de silvestres que estava começando a domiciliação... e foi realmente, e daí também vieram outros trabalhos de doença de chagas na região. Daí que a gente desconfiou que os homens pré-históricos também tivessem doença de chagas, a gente está investigando lá nos esqueletos de 10, 12 mil anos...

CF – Ah, é?!

AA – É. Tentando extrair o DNA do *Trypanosoma cruzi*...

CF – Mas por que é que vocês chegaram e levantaram essa suposição?

AA – Isso foi muito engraçado. Isso foi em 1984. Foi a primeira vez... estava começando o doutorado, foi a primeira vez que eu fui lá... foi uma época em que a (Liege?) tinha chegado da França, ela trabalhava na Escola de altos estudos lá nas Ciências Sociais, ela é paulista... em 64 teve de sair pra fora do país e tal, foi pra França, terminou os estudos lá de arqueologia, fez o mestrado e doutorado. E depois disso, ela sabia, ela fez a tese dela nessa região do Piauí e ela sabia que ali era uma região assim muito rica em sítios arqueológicos. E quando ela voltou ela fez um curso pra os alunos, um curso de especialização na Universidade Federal do Piauí, Teresina e levou os alunos pra lá. Na época havia aqui na Universidade Estácio de Sá o único curso de graduação em Arqueologia, que fez também um congresso. E nos encontramos por acaso, a gente estava começando a trabalhar com a (*Paleo-parasitologia?*), dr. Luis Fernando, eu e a Márcia (?), que também é aqui da Escola. Então nós fomos nesse congresso de Arqueologia, nos encontramos com ela, conversamos, ela disse: “Ué, por que é que vocês não vão lá? Eu vou...” explicou, né, que em junho estaria lá dando esse curso e a gente foi, de ônibus. Eu e a Márcia, três dias e meio pra chegar em São Raimundo Nonato e passamos uma semana lá na escavação da Pedra Furada, que é um sítio arqueológico mais importante lá, foi totalmente escavado. Tinha nessa época 34 pessoas no acampamento. Pra vocês terem uma idéia (ri) não tinha água, não havia água. Era 84, estava no 4º ano de seca, essa seca, esse período de seca, só terminou em 85. Era completamente seco, não havia nada verde, exceto os cajueiros, que a gente armava as redes debaixo deles pra dormir. Durante o dia um calor infernal, 40 e tantos graus. À noite, 10, 12, a temperatura cai assim no deserto, né? A água chegava em tambores, mas era água pra se beber... uma poeira muito grande e sem umidade, muito seco também. A gente não suava muito, entende? (ri) Isso tudo pra dizer que se passou uma semana sem tomar banho. (risos) Não tinha água pra tomar banho, só pra lavar o rosto... Mas enfim, e nessa época as pessoas escavavam, estavam fazendo uma escavação enorme, a gente não trabalhava nisso, a gente estava trabalhando com os animais silvestres, parasitos de animais silvestres. E a... e havia alguns arqueólogos que copiavam

pinturas rupestres das paredes. Eles colocavam um plástico por cima, copiavam decalcavam. E aí vinha barbeiro sugar os arqueólogos. Aí “Pô, esse troço tá aí, quem pintou isso aí deve ter sido picado por barbeiro!” Mas dessas pessoas a gente só tinha os ossos. Na época não tinha como estudar doença de chagas em osso. Só... sei lá, 12 anos depois é que vieram as técnicas da Biologia Molecular que permitem isso. (??) é o que a gente tá fazendo hoje.

CF – Mas foi a identificação dos barbeiros nas figuras é que fez...

AA – Não, não foi a identificação dos barbeiros na figura. É o barbeiro que vem picar o arqueólogo que estava copiando a pintura.

CF – Ah, tá, tá!

AA – Aí eu disse: “Bom, quem pintou também deve ter sido picado.” Então a idéia era essa de a gente procurar. Isso a gente ainda não confirmou, tem quase certeza de que ele vai dar resultado positivo porque tem os primeiros ensaios que foram sugestivos, mas de fato é uma hipótese muito concreta. Porque esse barbeiro está lá há milhares de anos. Ele é tão velho quanto às populações humanas, assim como os animais dos reservatórios também são.

CF – É super interessante, né?!

AA – É super interessante o desenvolvimento lá das pesquisas do Núcleo de Endemias. Hoje o Núcleo de Endemias é um departamento. Do qual eu faço parte. É... virou departamento... deixa eu ver quando... em 93. Quando se fez uma reestruturação da escola, aquele negócio de DAS, distribuição de DAS, aquela coisa toda, a Maria do Carmo Real era diretora da ENSP, o Paulo Buss que era o diretor tinha passado à vice-presidência com o Morel, né? E a Maria do Carmo assumiu a direção da Escola e deu continuidade a essa reestruturação do Departamento de Endemias Samuel Pessôa.

PE – Esse tipo de trabalho, de pesquisa de campo, quer dizer, nessa... nesse núcleo que vocês criaram, parece – pelo que você falou – que foi uma coisa, eles tentaram fazer isso, se tornou uma coisa, uma prática que envolvia pesquisa... as teses, dissertações, quer dizer, isso foram... Isso é comum em outras áreas da Escola? Em outros núcleos, departamentos, você tem essa...?

AA – É... essa... essa... Assim, como trabalho de campo nas regiões das doenças, essas coisas, isso sempre aconteceu no Departamento de Epidemiologia, que eu acompanho mais e no Departamento de Ciências Biológicas. Na Epidemio, o trabalho que fizeram sobre hipertensão foi um trabalho imenso, na época do Eduardo Costa, do Carlos Henrique Klein, do próprio Paulo Sabrosa, né, que eles trabalharam com a questão da hipertensão. Foi um imensa trabalho de pesquisa de campo e...

PE – Nós temos um material desse (??)...

AA – Inclusive nós levamos para o Piauí, o Wellington levou – que ele também fazia isso, né? – que eles tinham (?) que faziam a medida do mercúrio...

CF – Como é que é?

AA – Um esfigmômetro, aquele...

AA – Um aparelho de pressão.

CF – Ah, tá!

AA – Em vez de ser...

CF – Um aparelho normal...

AA – É, aquele que se usa normalmente no braço, você põe aquilo, mas não tem aquele relóginho, é uma coluna de mercúrio que é muito mais preciso...

CF – Ah! Nunca vi.

AA – ...do que... É, você põe aquela tralha assim em cima, só que é uma coluna de mercúrio e tem uma precisão fantástica. O problema foi que lá no Piauí a gente se deslocava na Toyota... – Toyota já viu, pula que nem cabrito, né?! (*risos*) Aquelas Toyota velhas, não é essas novas, (*PE fala algo*) era uma Toyota Bandeirantes – Um calor infernal, a gente carregando aquilo no colo, não tinha estrada, era picada no mato de... picada mesmo, a gente tinha que levantar pra cortar com facão pra poder passar, cortar um tronco de árvore... Não agüentou, né? Saiu mercúrio pra tudo quanto é lado! (*risos*) não tinha jeito, né?

CF – Como é que chama o aparelho, Adauto?

AA – Esfigmômetro. ... Um aparelho de pressão. Aí acabou, né? Estourou o aparelhinho do Wellington rapidinho, não tinha jeito. Toda a hora a gente tentava medir no nosso: “Não, mas eu sei a minha...” Media pra ver se estava aferindo direito... Que nada! O troço endoidou de vez. Tinha... eram umas coisas assim muito engraçadas. Teve, uma vez que a gente, um dos alunos que fazia um trabalho com leishmaniose que a gente estava querendo ver se lá havia o vetor... flebótomo. Então resolvemos... eu sabia que tinha, que a gente tinha que capturar. Aí fomos com a turma de alunos... pra bem pro interior do Parque, no local que a gente tinha acampado na época com os arqueólogos. Eu sabia que ali tinha flebótomo e barbeiro também. Bem, pra pegar o bicho a gente leva galinha que é isca. Você amarra a perna da galinha, põe a cabecinha assim debaixo da asa... ela fica quietinha, dormindo, de noite. Porque o flebótomo começa a aparecer 11 horas da noite, 10 e meia, por aí, dependendo da condição do vento, umidade, ele... Isso era perto do Caldeirão. Caldeirão lá no Piauí eles chamam aquelas reservas de água natural, (??), quando chove cai a cachoeira lá de cima e empoça e a água como está sempre sombreada, se conserva durante o ano. Mas é uma água que parece com caldo de cana, de tanta alga, tanta sujeira que tem. Mas ali as pessoas bebem, (??). Então acampamos ali, deixamos as galinhas lá e pegamos uma quantidade enorme de flebótomos e de barbeiros também. (??) que isso devia ser por volta de duas horas da manhã, eu acordei com uma fome danada, a gente já tinha comido o que tinha levado e... “Vamos

comer as iscas, é claro!” as duas galinhas. (*risos*) “Vamos comer as iscas.” Tá bem, aí vem o gaúcho, Antônio Carlos, disse: “Pode deixar que eu vou matar a galinha.” Aí pegou a galinha: “tac!” pelo pescoço, “plof!”, jogou no chão, pegou a outra: “Tac!” a galinha começou a estrebuchar e a Márcia (?) que estava com a gente, que é bióloga, “Eu não vou agüentar ver essa galinha estrebuchando. Vocês tratem de matar direito!” E o argentino estava junto, o argentino (??) pegou a galinha pelos pés, pela cabeça (*e matou?*)! Na mesma hora resolveu o assunto. (*risos*) Mas as iscas estavam maravilhosas. Comemos lá, a galinha dura, mas o chato é depenar (??) três, quatro horas depois comemos as iscas. Dormimos, no dia seguinte... acordei com o sol raiando, né, a claridade, estava o Almir, que é das Ciências Biológicas, perto da rede do argentino, do Sérgio, éramos umas dez pessoas naquele acampamento, dormindo em rede, mas interessante, todos dormindo, exceto nós dois, o Sérgio lá dormindo... uma quantidade de flebótomos em cima dele, do rosto... o sujeito amanheceu assim todo picado! Impressionante! Bom, aí pegamos mais de 500 flebótomos. Ainda tiramos fotografia do infeliz com o rosto todo picado. (*risos*) Felizmente não se infectou com nada. (Que eu saiba não?) Ele volta e meia tá aqui... Mas tem um monte de passagem assim interessante (?), de aprendizado de aluno, essas coisas meio de mato...

CF – E isso foi por volta de 89, 90, né?

AA – É, isso foi durante o período de 89 até meados de 81. (falam ao mesmo tempo) Não mas isso é outro, porque houve a passagem... É, houve na verdade a municipalização do posto de saúde que era sustentado pelo projeto, o pagamento das pessoas era feito pelo projeto, passou a ser feito pela municipalidade. Foi uma época também que se criaram novos municípios. Então isso facilitou muito porque o município ficou pequeno, então ele já sustentava... na época se chamava “cesta de remédio, medicamentos...” Claro que sempre um certo (??) com fins eleitoreiros... muito grande, mas foi regularizando, as pessoas foram se organizando lá naqueles conselhos de saúde... forma escolhe as coisas foram indo, melhorando bastante. Eu diria que foi um sucesso total o projeto... (*interrupção da fita*)

## Fita 2 - Lado A

CF – Esse projeto fez uma publicação, Adauto, de...

AA – (???) (voz baixa) projeto, foi parte incluída no plano de manejo do Parque. Chama-se Parque Nacional Serra da Capivara... Plano de Manejo, que foi publicado pelo IBAMA.

CF – Mas aqui, por exemplo, aqui na Fiocruz, em artigos, em revistas...

AA – Não... não, saiu decorrentes dele, e depois saiu uma tese de mestrado, aliás duas teses de mestrado... saíram artigos, mas não com os mesmos pesquisadores, aí já é decorrência, né? Por exemplo, depois dessa tese que a Maria Aparecida fez sobre barbeiro... um aluno da Diana (?), que é professora do (?) da UFRJ, orientou um aluno dela da mesma região, que a gente foi pra lá, um projeto d da... projeto estratégico de saúde da Escola de governo... que eu coordenava, e ela pela UFRJ e esse aluno foi pra lá e defendeu uma tese de mestrado sobre

a própria história da doença de chagas. Foi muito interessante porque ele mostra uma associação muito forte, ele faz um estudo da prevalência da história da doença de chagas. Mostra que na população que hoje tem em torno de 50 anos, os picos de prevalência que coincidem com a época da maniçoba, do látex da maniçoba. Quando vários grupos familiares se internavam pela caatinga e moravam em grutas como moravam os homens pré-históricos, né? Moravam em gruta e extraíam maniçoba durante meses seguidos pra levar aquele látex pra ser vendido, na época da guerra, do pós-guerra. E aí tem esse pico altíssimo nessa faixa etária. Depois ficou precário. Atualmente não há, aparentemente, a gente não conseguiu detectar transmissão ativa de doença de chagas na região. Aí a gente fez um trabalho junto com o... José Borges Pereira da Medicina Tropical, esse tá publicada na revista da Sociedade de Medicina Tropical, também. Esse trabalho do Alberto, que trabalhou com a Diana no Caderno de Saúde Pública...

CF – Esse Alberto é que fez a tese sobre a doença de chagas?

AA – Fez a tese de mestrado. Alberto Novaes (?) Júnior. Não Alberto (?) Júnior.

CF – Novaes Ramos?

AA – Ramos Júnior. E... e é um trabalho interessante porque ele junta a história com a Epidemiologia... (*falam ao mesmo tempo*) coisa do núcleo, deveria ser isso, pegar a parte social, histórica, antropologia e a biológica. Super interessante. A idéia é ele venha fazer o doutorado aqui comigo, (ri) não sei se ele vem...

CF – Faz muito tempo que ele fez?

AA – Não, já tem... É, relativamente pouco tempo! Deve ter uns três anos, três, quatro, três anos. É, deve estar indo pra quatro anos. A partir do mestrado ele foi pra... como professor... Não, ele passou um tempo como médico lá do Piauí, (?) João Costa, num desses povoados pelo Projeto de Saúde da Família, Programa de Saúde da Família. E depois foi como professor-substituto pra Universidade do Ceará, Federal do Ceará. Ele deve tá saindo de lá agora esse ano, vem pra cá fazer o doutorado, que tá precisando fazer. Insistiu pra fazer o doutorado.

CF – E aí, Adauto, encerrando isso, quer dizer, aí o que é que isso foi até meados de 91, né, o projeto encerrou, né? E aí a partir de 92, o que é que você...?

AA – Não, aí é... Porque nesse período, eu estava muito voltado para... Eu sempre fiz a Paleoparasitologia, minha pesquisa sempre foi em Paleoparasitologia, mas é claro que o trabalho e vendo a população, tinha que ter uma situação voltada a ela também. E por isso levava os alunos, levava... como o Wellington estava, levava médicos também. Porque embora tivesse o diploma de Medicina, se vê às vezes (*ri*) (???) faz a prática, né? Nem vamos de remediozinho. Então... essas pessoas iam e faziam todo esse trabalho, esse treinamento com os agentes de saúde, essa coisa toda. Depois disso... essa parte está sendo desenvolvida pelos próprios municípios, eles chamam pessoal treinado de Teresina, de outros estados, para fazer treinamento lá, dos médicos atuais, a gente não tem (?). E voltamos pra fazer alguma

coisa com o Alberto e a Diana. Ainda tinha mais gente envolvida na equipe. Mas esses dois eram centrais. E isso foi feito no outro município, no município de São João do Piauí, durante um ano e meio. Depois a gente parou também por ser desnecessário. Já tá... teve começo, meio e fim, né? (???) E sempre nesse período todo, eu nunca deixei de fazer o meu trabalho de pesquisa básica com os cropólitos, com as múmias, com os esqueletos, com as coisas todas. O ano passado...

CF – Aí a partir de 92 você retoma, você fica mais voltado pra essa área de pesquisa.

AA – É, da pesquisa mesmo. Eu tenho ido com frequência lá no parque Serra da Capivara, como também tenho ido a outros sítios arqueológicos em outras regiões. Agora a gente tá trabalhando num sítio com esqueleto, um corpo parcialmente mumificado, de Minas Gerais. É o assunto de tese de uma aluna de mestrado. Ela tá trabalhando com um parasito que não é muito comum, aliás, não é nada comum, nunca foi encontrado na população atual. Mas aquele indivíduo ingeriu esse bicho e deve ter provocado uma infecção grave nele. Pela quantidade enorme de ovos encontrados nas fezes.

CF – Estão procurando descobrir o que é que é.

AA – É. Como é um parasito novo, ele pode estar entre três espécies e a gente tá tentando determinar pela Biologia Molecular, pela Imunologia, pela Morfologia tanto (*córtica?*) quanto de microscopia eletrônica. Aliás, uma das possibilidades é ser o (*Equinosto ?*) Rey. (ri) É uma homenagem ao Luis Rey que foi descrito (??), que é pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz. É uma coisa interessante, esse foi o primeiro caso humano, vai ser o primeiro caso humano na pré-história. (*risos*) Um corpo datado de quase 1000 anos, acho que 1200 anos. Tá bem antigo. É uma coisa bastante interessante.

CF – Agora vamos falar um pouquinho, Adauto, como é que você chegou à direção da Escola. Como é que foi essa trajetória, esse ingresso num trabalho de gestão institucional...

AA – Foi também uma época muito... interessante... e no final eu vejo com muito, muito prazer ser diretor da Escola. Na época, como eu falei, a Maria do Carmo era ac diretora, tinha sido da direção, né?...

CF – 93, né?

AA – 93. A Ana Tambeline era coordenadora de pesquisa e como a (?) havia passado para, da coordenação de ensino para direção, ela me chamou pra eu assumir a coordenação de Ensino. Eu era do departamento das Ciências Biológicas. Eu aceitei, vim pra coordenação de Ensino. E havia, a sucessão se daria no ano seguinte, ...

CF – Em 94.

AA – É, num mandato temporário.

PE – Fechando o mandato do Paulo.

AA – Isso. Terminando o mandato do Paulo. Então havia a candidatura... começou a ser colocada a candidatura da Maria Cecília Minai e a Ana Tambeline me convenceu a me candidatar também, né, como uma alternativa. Como toda campanha, não foi nada fácil, porque... é uma coisa que as pessoas se tomam por uma paixão muito grande, né, as pessoas: “Ah, eu não voto nesse, não voto naquele...” Eu jamais tive nada contra a Cecília Minai, nem outras pessoas, mas... claro, tem um modo de ver, né, diferente, uma outra maneira de sentir a Instituição. E eu achei ótimo a campanha...

PE – A campanha é assim calorosa, do ponto de vista das discussões, envolvimento da escola...?

AA – Sim, bastante... Envolvimento da escola, muito mais envolvimento da Escola do que em debates. Aconteceu apenas um debate. E o que me deixava também bastante interessado na direção é que o candidato a vice-diretor era o Paulo Sabrosa. É uma pessoa admirável, por quem eu tinha assim um profundo respeito. Então a gente estava, eu estava animado... nós queríamos ser diretores, nós dois. E foi, o Paulo... é engraçado, porque ele às vezes, ele sempre tem assim um pouco de pessimismo das coisas. Na época... (*risos*) no dia da apuração, no dia da apuração foi muito engraçado porque estava encostado, né, era uma disputa muito forte, né? Eu saí assim, a gente passava cinco votos na frente, eu disse: “Paulo, a gente vai ganhar!” “Não, não vamos, olha só!” Aí passa a Cecília. Era a Cecília e o Sérgio (*Koiffman?*), de quem eu sou muito amigo também. Então passava um pouquinho, aí passava, passava... teve uma hora que a gente disparou um pouco na frente. “Bom, agora vamos ganhar, Paulo.” Ele estava sentado atrás de mim. Ele disse: “É, agora não sei...” Aí a Cecília foi... passou! “Agora perdemos!” “Não, Paulo, nós vamos ganhar!” Aí começou (?) por um voto...

CF – Um voto?!

AA – É.

PE – Pois é, eu sabia dessa história.

CF – Eu não sabia disso não.

AA – A diferença por um voto. Aí ele falou: “Pô, por um voto! É ótimo ganhar por um voto, o pior é perder por um voto, né?!” (*risos*) É. Houve assim... um movimento contestando de ter nova eleição..., mas a gente havia, a Cecília, o Sérgio, eu e o Paulo, a gente havia acertado que seria a maioria simples, né, (?). E o presidente que nomeava (?), o Morel, (???). Fomos eu e o Paulo, diretores nessa época.

PE – Deixa eu te perguntar uma coisa, independente se você teve mais envolvimento, ou as pessoas queriam ter mais debates na Escola. Havia uma questão assim, ou várias, que no processo eleitoral surgia como uma questão, desenvolvimento (?) discussão como o rumo da escola, as questões que estavam... (*falam ao mesmo tempo*)

AA – Não, o que talvez estivesse mais forte, era absolutamente verdadeiro, mas as pessoas comentavam, é a... seria um apoio maior dos pesquisadores para a Cecília e o Sérgio e dos

funcionários administrativos, dos servidores, não tanto, pra mim e o Paulo. Mas não era verdade isso. Na verdade, era distribuição igualitária (*ri*) tanto que não houve essa diferença não. Depois disso a gente teve assim um período extremamente difícil, não politicamente, de recomposição da Escola. Isso, claro, durante um tempo foi... não foi fácil. Porque havia uma divisão... pra mim... (?) totalmente isso, mas havia, dentro da escola isso era nítido. Você tá de um lado ou tá do outro, esse tipo de coisa. No próprio Conselho Deliberativo da Escola havia parte dos professores que eram os chefes de departamentos que haviam votado em mim e outra parte que não. Então era uma situação complicada.

CF – Quer dizer, essa divisão se estendeu ao longo da sua gestão?

AA – Não. Ela não foi ao longo da gestão. Ela teve um período curto de fato, que a gente via isso nitidamente, e houve... logo depois, houve uma... durante... a própria eleição... o próprio dia da votação, isso também aconteceu fortemente, que foram os tiroteios aqui na Leopoldo Bulhões... aqui no em torno de Manguinhos. E isso provocou um desvio talvez de atenção da Escola. Essa tensão pós-eleitoral, eu acho que ela se dilui um pouco por conta dessa tensão com a população externa. Foi um período difícil, que havia uma proposta... muito forte de mudança da Escola, queriam... uma parte dos professores queriam sair daqui, ir lá pra o INSS, sei lá...

PE – Por conta desse conflito.

AA – É, pra sair do local...

CF – Abandonar o prédio, né?

AA – Abandonar o prédio. A gente decidiu que não. Eu disse: “Não, não vamos. A gente vai forçar e buscar o máximo de segurança através da blindagem, por exemplo, ...” – que foi uma discussão também muito grande com a presidência, porque era uma coisa cara. – Houve também uma... Eu fui diversas vezes no quartel da polícia do 12º Batalhão aqui de Benfica, pra acompanhar essa situação aqui do em torno. Havia um movimento... de extorsão de lixo, de traficante por parte da própria polícia, o comandante sabia... E houve uma movimentação, o fato é que isso diminuiu logo depois de ter sido (??) (*falam ao mesmo tempo*)

CF – E foi logo exatamente depois da eleição.

AA – Foi, o aumento disso foi logo depois da eleição. E aí se fez a blindagem, nós permanecemos na Escola, essa parte toda frontal foi praticamente toda “desutilizada”, né, ficou abandonada. (*PE fala algo*) A gente usava as salas de cá... – é, subutilizadas – a gente usava as salas do lado de cá dessa parte do corredor e investimos fortemente no prédio de expansão. Que na época era um paraíso, não havia nada no em torno (*falam ao mesmo tempo*) Na época não tinha bandeirão, a gente fez lá o bandeirão. O 10º e 9º andar, o (*Tobar?*), que era chefe de gabinete e assessor direto aqui da direção nossa, trabalhou que nem um mouro, fez tudo... O Tobar foi assim... uma pessoa admirável nesses quatro anos de direção, foi de 94 a 97. Outra pessoa que ajudou muito e a gente perdeu assim barbaramente, que era o Cosme lá



do (*CEST?*), morreu assassinado num assalto... É até um professor, engenheiro do CEST, de Segurança do Trabalho... Ele era administrador da Escola aqui na época.

PE – E você? O que é que você destacaria nesse período da tua gestão? Como ações importantes, que de certa forma tiveram resultado nessa gestão ou de alguma maneira deixaram (*??*)... (*falam ao mesmo tempo*)

AA – Eu acho que foram três coisas que a gente investiu fortemente. A primeira foi na própria pós-graduação... Eu acho que uma... eu tive três coordenações na pós-graduação. A primeira foi da Cristina (*Possas?*), ela ficou um período curto, mas logo depois duas pessoas que foram assim essenciais: uma foi a Maria do Carmo Leal e depois a Zulmira (*Hartz?*), que há pouco tempo era coordenadora geral da pós-graduação da Fiocruz. É uma pessoa assim fantástica, ela reorganizou a pós-graduação, fez o *stritus senso*, né? Fez uma mudança fabulosa! Isso foi um ponto. A outra foi o início... isso foi Antônio Ivo, que não participava da direção, mas trouxe o projeto de Ensino à Distância. E aí a gente começou, ele, o Tobar e eu, a investir fortemente nisso, junto com a Universidade de Brasília e foi o embrião, eu acho, de todo esse embrião que tá aí... um sucesso enorme, e que acabou saindo (*em forma?*) de governo por aí, né? E o outro foi a Fundação de Apoio.

PE – A ENSP(*TEC?*).

AA – É. Que foi... que não foi criada (*?*), mas que de certa forma foi criada (*falam ao mesmo tempo*) na minha gestão sim. A gente era, a gente fez todo o trabalho de criação da Fundação... ENSPTEC... o Pedro Barbosa é o grande autor da idéia. Ele... a gente procurou, nós contratamos uma advogada que era especialista, ou é especialista, em fundações. E ela fez todo procedimento na área de criação de registro da Fundação de Apoio e essa coisa toda. Aí havia um Conselho... – Não, como é que chama? Sócios-fundadores... eu não me lembro agora o termo exato. – Que ele foi um período de convencimento do Conselho Deliberativo da Fiocruz muito grande. Porque eram todos totalmente contrários à criação, a (*?*) também, né? Contrários à criação dessa Fundação de Apoio.

PE – (*???*). Não, os argumentos que vocês estavam criando.

AA – Bom, uma das coisas era que havia na Fundação como um todo, não só na Escola, (*ri*) é preciso que se diga, todo um... procedimentos extra-trabalhos que não são normatizados, e são remunerados e isso não passava por nenhum crivo, nenhuma avaliação, nenhum controle da chefia de departamento, da direção ou da presidência. Isso continua acontecendo. Mas o que se pretendia é que essas atividades se normatizadas, fossem consentidas através de normas, né? Se houvesse remuneração, que essa remuneração fosse, se obedecesse a determinadas normas, não ultrapassassem determinados tetos ou determinadas proposições. As pessoas para terem projeto que se envolvessem e tivessem remuneração, teriam que ter atividades avaliadas aqui dentro da Escola também. E que isso não ficasse restrito ao indivíduo, fosse feito por equipes e se essas equipes repartissem os seus ganhos com aquelas pessoas que não estavam inseridas nisso. Então teria um ganho para a Instituição como um todo. Né? Seria uma forma... como outras instituições têm. Essa era a idéia central. Alguns membros do Conselho Deliberativo... apoiaram a idéia e por isso foi aprovado lá. E por isso

a gente criou a ENSPTEC aqui, senão a gente não teria criado. Quer dizer, várias pessoas que eram sócio-fundadores aqui da escola não (?), mas de lá também, como o Naftale Katz na época, o próprio Morel, o Mauro (*Marsókia?*), (*Peter Meyer?*), enfim, (???) dos centros regionais... o Akira, enfim... Várias pessoas se inscreveram, a gente tinha que dar um dinheiro, um valor que eu não me lembro quanto é que era, para criar isso, ter um fundo...

PE – Sei, inicial.

AA – ...ser criado. É. E a partir daí se fez um Conselho Curador. Desse Conselho participava de vários vultos importantes: o Carvalheiro, o Nelsão... o Arouca... enfim, um Conselho Curador para o acompanhamento das contas da ENSPTEC. E o Pedro era o presidente. Isso funcionou... agora, logo depois eu saí da direção, o Luis assumiu e... e aí... a coisa evoluiu pra (FIOTEC?) ...

PE – Ele acabou saindo (???)

AA – É. (???) Eu acho que nesses três pontos a gente investiu bastante. E o investimento maior, eu acho que não aparece, que foi a permanência da Escola aqui dentro, não é? Porque havia a possibilidade da saída, obviamente isso era uma coisa concreta. As pessoas (?), não vinham mais porque tinham receio, entendeu? Muito justificado, de ter problemas. A gente conseguiu fazer essas, esses rearranjos, né, o prédio da expansão, blindagem... e havia aí até um projeto, mas não foi adiante, de botar alarmes sonoros “Evacuar por ali, sair por aqui...” esse tipo de coisa. Mas era uma loucura! Uma vez eu vi lá de cima, tinha uma reunião do (?), me telefonaram dizendo que tinha um tiroteio, eu cheguei aqui, as pessoas estavam correndo aqui por dentro! Tinha TV Globo espalhada... uma loucura! Uma época difícil. Mas ao mesmo tempo eu acho que... isso tudo mostrou que a Escola podia permanecer unida apesar das divisões durante o período eleitoral... depois que eu saí da direção...

PE – Você saiu da direção pra aonde?

AA – Em 97, foi a eleição do Paulo. (PE fala *algo*) É. O Paulo foi candidato único, não houve nenhuma divisão, aí depois, agora de novo dois candidatos, né, Jorge e Maria Helena se candidataram, acho que a disputa é normal. Acho que é interessante, é democrático.

PE – Você saiu da direção e continuou aí. Aí voltou...

AA – Não, aí voltei pra o departamento!

PE – Departamento de...

AA – É, de Endemias. Eu fiquei no departamento sem ligação com nada administrativo... (*risos*) a não ser umas comissões lá da presidência com a Tânia...

PE – Aí você deu uma respirada.

AA – É, aí dei uma respirada até o ano passado. (*seis anos?*)

CF – Agora, Adauto, deixa eu lhe perguntar uma coisa que eu tenho curiosidade...

AA – ...pra fazer pós-doutorado...

CF – Também, né? (*ri*) Como conciliar... eu estive pensando, pelo fato de você ter passado pela direção da Escola, acho que isso é importante porque você ficou com uma visão geral, né, da Escola, assim. Acho que é diferente de uma pessoa que trabalha, vamos dizer, num departamento, acho que bem ou mal nunca vai conseguir ter essa visão administrativa geral, você consegue identificar problemas (??). Como conciliar, eu fico imaginando isso assim, numa escola tão grande, vários departamentos com áreas de pesquisa muito determinadas e que ao mesmo tempo elas têm uma inter-relação forte, né? Porque a área da saúde pública, ela tem essa característica, ela interliga áreas de conhecimento, né, diferentes, né? Como é que você vê isso dentro da história da escola, né? Quer dizer, esse gradativo crescimento da especialização, né? Foi pra vários departamentos, porque a Escola quando começa, ela tem..., né?...

AA – É, meia-dúzia de departamentos.

CF – Nem isso tudo, né? Acho que quatro...

AA – (???) Não, mas ela começa com um (*falam ao mesmo tempo*) ...

PE – Ela já começa com uma característica de multi...

AA – É, exatamente assim. Eu acho que a concepção inicial da Escola...

CF – Você acha que isso dificulta o trabalho, porque você conseguir interligar pessoas de áreas diferentes ou isso é uma coisa...?

AA – É claro que existem momentos, períodos assim de fluxos... A... algumas vezes os especialistas, não importa a área, eles se agrupam, se fecham e a coisa é trabalhada muito internamente. Mas eu acho que em virtude dessa possibilidade de contato que existe aqui, rapidamente a pessoa entra, conhece um outro e as parcerias se formam muito naturalmente. Eu acho que uma das grandes coisas que se fez na Fiocruz, eu acho que a idéia partiu de Elói e Morel, foram os PAPES, né, Projetos de Apoio à Pesquisa, Estratégia de Saúde; que exigia, obrigava, estimulava a...

PE – (?) (*falam ao mesmo tempo*) entre as unidades...

AA - ...o trabalho entre as unidades, entre os departamentos. Isso facilitou muito, tanto que hoje, uma boa parte dos pesquisadores, e não é só da Epidemiologia, trabalham com pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz. Outro dia no almoço de aniversário do Luis Rey – ele todo ano convida uma turma grande, a gente conversa... uma coisa muito interessante... – eu vim a saber que uma das alunas nossas, isso eu já sabia, ela é pesquisadora do Instituto Oswaldo Cruz. É orientada pelo Marcelo (*Vipo?*), era a Marisa, era orientada pelo Marcelo

Vipo e o Marcelo através dela conheceu o Henrique (*Lenz?*) e vão fazer um debate, uma palestra, sobre complexidade na Biologia, com ambiente, Marcelo trabalha com ambiente...o Lenz com Patologia... você imagina essas coisas, é dentro de saúde do trabalhador. Vão se juntar. Então sempre foi minha idéia, até agora não concretizada, de a gente fazer centros de estudos... interunidades. Porque o conceito de estudo do IOC é excelente, agora mais ainda...

PE – É, ele tá muito bom, né?

AA – ...com... com...

PE – Aí tem muitas pessoas que (?).

AA – ...com as participações na área cultural, Fernanda Montenegro, uma série de pessoas (?), já estiveram aí. E tem atraído o pessoal da Escola, a assistir também, né?! O Luis Fernando não perde uma... (*ri*)

CF – Ah, é?!

AA – Eu, infelizmente, tenho perdido por conta do trabalho aqui. Mas a minha idéia era fazer em comum, acho que não precisa só a ENSP, o IOC, eu acho que a Fundação poderia seguir o modelo do Instituto Oswaldo Cruz e criar um centro de estudos que atraísse essas pessoas, (*pra fazer um externo daquilo, um TBS?*), que é muito interessante. E essa integração não existe de fato. Tem pesquisadores do Departamento de Epidemiologia, do Centro de Saúde do Trabalhador, das Ciências Sociais, trabalhando com Biomanguinhos... enfim, isso acontece muito. E acontece também internamente, claro. O Departamento de Endemias é Departamento de Endemias porque congregou o pessoal da Epidemio, das Biológicas e das Ciências Sociais. Planejamento, o (*Tobar?*), a origem dele é do Planejamento e Saúde do Trabalhador. Então são pessoas que têm, agregam e a produção começa a tomar um novo caminho, uma nova vertente. É muito interessante. A Escola tem uma potencialidade imensa, é uma... a Fiocruz como um todo, na verdade, né? Eu falo da Escola porque tá aqui, mas a Fundação é realmente fantástica. Não vejo assim... (??) (falam ao mesmo tempo) (*ri*) Não vejo, não vejo os limites... havia um muro antes aqui, né? Separando o Instituto...

PE – (??) esse muro. Como era a escola antes...

AA – Porque a escola era aparte mesmo. Era um centro especializado em saúde pública. Que é de origem lá de 1925, se origina com o instituto Oswaldo Cruz também. Você pegar, buscar a origem dessa história toda...

PE – A origem é a mesma, né?

AA – É a mesma, né? Então começa, cria a Fundação, sai daqui pra ir pra lá, a história da fundação parte daqui pra lá, né? (??) É muito interessante.

CF – Deixa eu lhe perguntar outra coisa, Adauto, a gente acompanhando, recuperando um pouco a história da Escola, das entrevistas que a gente tá fazendo... uma coisa que aparece

também sempre é... que é uma coisa natural em toda área de processo de produção de conhecimento, você... há uma mudança na concepção sobre saúde pública que acaba se refletindo dentro da própria estrutura da Escola. Né? Se a gente for pegar o início da Escola, né, a preocupação, o perfil dos cursos, as pessoas, professores que estão aqui trabalhando... muitos vêm do SESP, né, e tem uma concepção sobre saúde pública que vai ser diferente, vai encontrar depois na década de 80..., né? Quer dizer, há uma mudança aí. Em parte isso aí pode até parecer em se refletir em confrontos em determinados momentos, né? O que...  
*(interrupção da fita)*

## Fita 2 - Lado B

CF – ...de uma visão de saúde pública?

AA – É... eu...

PE – Existiria uma linha... uma perspectiva de que uma linha de intervenção de sanitarismo que vem da origem do SESP, e uma outra que seria uma corrente mais acadêmica... existiria...?

CF – Porque isso é uma coisa natural. É da própria história da saúde pública, as pessoas vão (?) *(falam ao mesmo tempo)* não é?

AA – (??) mais do que o fato de eu... (???). Durante... por exemplo, uma coisa marcante foi a saída praticamente em massa dos pesquisadores do Departamento de Ciências Biológicas na época do Guilardo. Final do Vinícius, começo do Guilardo como presidente. Que...

CF – Em que ano foi isso?

AA – Agora você me pegou.

PE – Guilardo foi em 79.

AA – 79.

PE – Eu acho que Governo Figueiredo, se não me engano, mais ou menos por aí.

AA – Isso, porque foi assim, no Departamento de Ciências Biológicas havia vários pesquisadores, da Virologia, da Bacteriologia, que foram todos pra o Instituto Oswaldo Cruz. O Mauro Marzókia, o Hermann Schatzmayr, o próprio Akira que sai... enfim, só fica, só ficam na verdade, o Luis Fernando, que era chefe de departamento, Carlos Maurício que estava na Alemanha na época e... a Maria Auxiliadora que estava... eu acho que era bolsista, não estava ainda contratada, não tenho certeza, mas... enfim, o departamento inteiro vazio! E eu estava fazendo tese na época, de mestrado. Já estava fazendo a tese.

CF – Eles saem por quê?

AA – Porque se achava que não cabia um Departamento de Ciências Biológicas numa Escola de Saúde Pública. *(PE fala algo)* É... lá no Instituto Oswaldo Cruz é que era o lugar do Biológico. Aqui é que era o lugar da Saúde Pública. E repetir o que se fazia lá, não fazia sentido aqui. As condições de lá eram melhores, claro! Se criou um Departamento de Virologia, um de Bacteriologia, o Jarbas com a *(Leptospira?)* foi pra lá, enfim... Instalações muito melhores, condições muito melhores, sem dúvida. O Luis Fernando pouco tempo depois também vai pra lá, mas ele não sai daqui como chefe de Departamento de Helmintologia, mas *(??)* *(falam ao mesmo tempo)* é, ele não sai daqui. A gente até pensava em levar alguma coisa pra lá, na Helminto, mas nunca chegamos a concretizar. E vimos uma sala e tal, mas não fomos. E ficamos aqui, o departamento ficou inteiramente vazio... Tem até uma história interessante pra contar dessa época, já que faz parte da *(?)* *(ri)* mas aí... havia essa coisa assim que passava, diz “Não, o sanitarista não quer saber de biologia, não quer saber de parasito, não quer saber de verme, quer saber das Ciências Sociais, do enfoque social da doença”, aquela coisa toda. Mas isso não é verdadeiro, tem uma base sim, que acontece isso, mas isso depois reflui. Toda a Epidemiologia se baseia em doenças transmissíveis, você tem que saber o que significa, tem que saber uma série de coisas, conhecer *(??)*! E isso vem agora muito forte com... os aspectos evolutivos das doenças transmissíveis, né, a evolução da doença. Que é um ponto forte de pesquisa, que o Cláudio *(?)* trabalha com isso, nessa parte *(???)*, que o Paulo Sabrosa trabalha muito bem. Enfim, é uma coisa que a gente de certa maneira trabalha quando recupera DNA de parasito de 10.000 anos e estuda toda a evolução através do genoma. Então essas mudanças ocorrem e... mesmo o pessoal que trabalha com ciências, investiga pesquisa em Ciências Sociais se associa à essa área mais biológica. Isso tá muito claro agora, eu acho que não... não tem esse confronto que havia numa determinada época, mas que talvez, falado em discurso do que de fato existia *(??)*.

CF – Mas você acha que essa diferença não repercutia assim no próprio processo da estruturação do curso...

AA – Eu não peguei essa época aqui, mas foi uma época de mudança, novas propostas pedagógicas, né, da própria universidade, quando se inventou mecanismos de saúde, né, um mecanismo básico de saúde e doença em que a gente não dava mais aula de Parasitologia, de Microbiologia, de Patologia, de Anatomia. Se dava uma única aula sobre estômago, aí vinha um anatomista mostrava como era o estômago *(???)* e o outro mostrava a Fisiologia do estômago, mostrava os parasitos que estavam no estômago, mostrava as bactérias... era um negócio assim, uma aula em conjunto, durante uns dois, três dias, sobre estômago. O tratamento... E nunca deu certo esse negócio. E se tentou também fazer isso aqui nessa mesma época, eu não estava aqui. O Luis Fernando conta, o Maurício também, que estava... os professores entravam na sala de aula, um... sei lá, doença de chagas, alguma coisa assim – não me ocorre agora um exemplo mais claro – mas um falava sobre ciências biológicas, outro falava sobre ciências sociais, tentavam fazer uma... uma...

CF – Uma articulação?

AA – É, uma articulação.

PE – A partir da doença.

AA – É, mas na verdade isso pra mim quem faz é o aluno. Você dá a informação e a pessoa que está estudando é que vai fazer a sua própria concepção, sua própria síntese, né?

CF – Claro.

AA – Hoje tá bem interessante com esses seminários avançados. Porque são alunos do doutorado, por exemplo, são alunos de diversos... diversas linhas de pesquisa que o professor... por exemplo, outro dia a Maria Eliana Labra, que participou de um desses seminários, veio falar sobre a apresentação de uma aluna, que aliás vai defender agora (?) ano passado, quando ela fez a qualificação, essa aluna, ela estudou a violência na pré-história. Então, através... – deu até no Globo de ontem, saiu uma notinha...

CF – Ah, não vi!

AA – Não, vale a pena ver. Acho que tá na página da Fiocruz também.

CF – Ah, é?!

AA – São lesões no nariz, são diversas lesões, que ela estudou em esqueleto, e muito freqüente era uma quebra no nariz, né? Aparentemente partida, uma porrada no crânio, essa coisa. Mas não era um cerimonial de fertilização da terra em que se quebrava o nariz pra o sangue jorrar na terra e fertilizar a terra, (??)... Umás coisas interessantes. Mas tinha de fato a violência também, por conta de flecha cravada na coluna vertebral, essas coisas, um outro tipo de violência. Mas não essa. Consegue distinguir essas coisas. Mas é um negócio interessante, você estuda a violência na pré-história, a história da violência na verdade, que hoje é motivo de estudo aí do Núcleo da Violência, do (*CLAVES?*). Essas interações existem. Aí vai a outra lá da Antropologia, se entende com a aluna da Cecília ou da Simone, estudando a violência na Baixada, sei lá. Entre adolescentes, e conversam entre elas... Essa menina, ela é arqueóloga, a formação dela, tem uma formação também em antropologia-biológica e tá fazendo doutorado em Saúde Pública. E a outra...

CF – Isso é uma riqueza, né, (??)...

AA – É extremamente interessante. Você não restringe a entrada de alunos. Você tem que ter um diploma de pós-graduação, passar na prova, nos requisitos e cursar a disciplina... (falam ao mesmo tempo)

CF – Tem uma outra questão, Adauto, que está relacionado a esse tema, (?) é muito rico, essa diversidade, né? Pessoas de áreas diferentes, de formações diferentes. Por outro lado, a gente vê uma redução da participação de médicos, né? ...

AA – Não sei, acho que não...

CF – Não há um distanciamento?

AA – Não... acho que tá diluída...

CF – Porque era um curso que era predominantemente de médicos, né? (???)

AA – É, mas sabe que continua tendo. Não teve uma redução... na especialização em Saúde Pública houve isso, essa redução sim, mas no mestrado não. Meu aluno, que entrou agora esse ano, é médico. E a formação dele é residência em doenças infecciosas aqui no Evandro Chagas. Ele veio pra cá...

CF – Mas não é, mas não é uma...

AA - ...Eu tenho um que se formou no ano passado, médico, agora eu acho que tá na UERJ, fez concurso pra UERJ, doutorado.

CF – Mas é na pós, né? É na pós...

PE – Estão todos trabalhando com caminhos... fazer carreira na área acadêmica.

AA – É, na área acadêmica.

CF – Não, porque quando eu faço a pergunta eu penso naquele... né, no médico-sanitarista, né?

AA – Mas o pessoal do mestrado tradicional, a maior parte desse mestrado profissional em Vigilância é da área médica, entende? 60% são médicos. E claro, tem enfermeiro, tem dentista...

CF – É, esse é um dado interessante. Acho que talvez o mestrado profissionalizante seja uma forma de resgatar pras condições de hoje...

AA – Mas eu não sei, Cristina, não sei te dizer não como é que tá agora. Teria que pegar esses dados na Secretaria Acadêmica, tem. Quer dizer, a origem profissional, quem vem da área médica, isso a gente tem...

CF – Não, é porque já tem até algumas teses feitas sobre isso. A gente já andou olhando. Tem um período em que há uma redução. Começa... a ter mais gente da Psicologia, Serviço Social... né, e os médicos...

AA – É... também o que tem acontecido é que os nossos alunos de mestrado, os de doutorado não, mas de mestrado, a grande maioria é do Rio de Janeiro. Os candidatos, né? A grande maioria é daqui. Porque são 27 cursos de Saúde Coletiva no país inteiro, então tem as outras...

PE – Tem uma oferta, mais ou menos distribuída...



AA – (??) Bem distribuída, só não tem na Região Norte. Que é o que a gente quer criar. Uma (?) de um centro de pesquisas lá da...

PE – Lá em Manaus?

AA – É, Manaus. Parece que semana que vem tá vindo o Aloísio pra conversar com ela sobre isso. Então a distribuição dos cursos tá bem feita porque foi decorrente daqueles cursos descentralizados de Saúde Pública. *(PE fala algo)* Que começaram por aí. Então tem todo um processo aí de preparação que Tânia foi a grande mentora disso, não é, que encarregou-se, que originou essa possibilidade de hoje ter isso. Agora, o que acontece, o que a gente tem visto, pelo menos eu não tenho assim dados pra te dizer, só... olhometro, é que, por exemplo, ... que eu conheço mais, na Região Nordeste, aonde se tem esses mestrados, é muito difícil de um médico que além de professor da faculdade é também clínico, tem o seu consultório, de largar aquilo pra fazer doutorado fora dali. Então se fizer o mestrado foi uma coisa meio... no meu ver, entender, errada, de o mestrado... interinstitucional, em que a ENSP bancava ou uma outra instituição, não necessariamente a ENSP, junto com uma outra universidade fazer um mestrado, uma turma de mestrado. Então formava aquela turma. E aí? Que é que... qual é o desdobramento? Nada, parava, acabava o curso! Porque não havia quadro docente suficiente na universidade pra dar continuidade ao doutorado! O pessoal não saía formado, né, com título de mestre, não saía pra fazer o doutorado porque não queria largar o consultório onde ganhava o dinheiro! Bem... *(PE fala algo)*. Isso é tanto médico quanto dentista.

CF – Mas você não fecha o quadro de formação...

AA – Não fecha o quadro. Vinham dois ou três, mais voltados para a área de enfermagem, coisa assim (?). A gente recebeu alguns egressos desses cursos. Mas médico era sempre mais difícil.

CF – É, porque eu não... eu fico na minha cabeça pensando o que é que é, se é muito diferente porque eu trabalho muito com Saúde Pública, mas um período mais anterior, que tem muito contato, muito relato com médicos sanitaristas que trabalharam na década de 30, 40, 50... É outro perfil, é outra lógica de atuação, né? Eu fico muito querendo entender hoje, né, quer dizer, onde é que está o médico-sanitarista, o que é... não existe mais, né, aquele médico-sanitarista (???) não existe, né?

AA – Não, não tem. Você ainda encontra assim...

CF – (??) o médico de Saúde Pública hoje?

AA – Se você pega esse meu aluno que terminou o doutorado em 2002, terminou no período de dois anos e meio, ele... esse menino, é o Marcelo Gonçalves, ele é oriundo do mestrado em Doenças Infecciosas do Fundão, fez residência lá e fez o mestrado lá, *(DIPE?)*, uma boa formação... Na época ele trabalhava no Serviço de Tuberculose, aí resolveu fazer o doutorado. Convenceu-se, veio fazer o doutorado em Parasitologia. Se encantou e tal, veio pra cá. Aí

não queriam liberá-lo lá. “Não, porque...” “Ah, é?!” Entrou num plano de demissão voluntária, demitiu-se...

CF – Do Fundão?

AA – Do Fundão. Ficou aqui com uma bolsa de... do CNPq. Mas é ótimo o Marcelo dando aula, ele trabalhou, esse cara já tinha ido, tinha um curso de especialização na França, de Doenças Infecciosas também, no Pasteur. Já tinha ido duas, três vezes para a área indígena, trabalhar com a área indígena... foi duas vezes comigo pra o Piauí... Fez a tese dele com quatro artigos publicados e mais um de lambuja em revista assim (??). Fez um concurso pra UERJ, e tá lá na UERJ como professor da DIPE. É um sucesso, né? E é uma pessoa capaz... eu acho que ele é muito, muito mais novo do que eu, do que o Paulo Sabrosa... porque o Paulo Sabrosa, lá no Piauí, quando a gente foi... é esse sanitarista que você fala...

CF – É.

PE – Paulo.

AA – É a pessoa... É, é o Paulo Sabrosa. É a pessoa que é capaz de estar dentro de um laboratório trabalhando com um computador, fazendo imagens de satélite, aquela coisa, pensando... dando aula brilhantemente... Vai pra o campo, vê um cachorro – eu tenho as fotografias – vê um cachorrinho com suspeita de leishmaniose, raspa o bichinho, prepara a lâmina, olha a lâmina, olha no microscópio com um espelho que eu tinha lá... “Ah, é leishmaniose mesmo!” Volta pra ver se tem caso humano, enfim, trata o outro da tuberculose, traz os caras pra fazer o exame no hospital lá, caindo aos pedaços, de (?)... É a pessoa capaz de fazer todas essas... Isso é muito difícil! Não é, não é... A pessoa tem que ter uma formação mesmo nessa área, né, eu acho que aí, a formação de médico auxilia bastante. A formação na área biomédica, talvez. Porque uma enfermeira é capaz de ter esse treinamento também, pode fazer exatamente a mesma coisa...

CF – Mas é porque tem, Adauto, por trás da minha pergunta (*falam ao mesmo tempo*) quando você ficou falando da viagem de vocês ao Piauí, eu fiquei lembrando dos médicos que eu ouvi milhões de relatos (*AA fala algo*) ... o Eduardo já foi pra Boca do Acre, entendeu?

AA – Pois é, é.

CF – Não, e de outros! Ficam falando das viagens, que foi anterior a isso, né? Isso é muito peculiar da Saúde Pública... eu acho que... (*falam ao mesmo tempo*)

PE – (??) de qualquer forma você tem ainda hoje aquelas áreas...

AA – É... Porque quando fomos as duas primeiras vezes de carro lá pra o Piauí, a gente passou, eu dei pra os alunos lerem, o relatório (?) Belizário Pena, de 1911. Que é exatamente isso que a gente passa, ele passa de burro... de Petrolina, a gente... quando chegou em Petrolina, chega de burro, chegam de caminhão a Petrolina. De Petrolina a São Raimundo Nonato eles levam 18 dias! Coisa que a gente leva hoje três, quatro horas, né? Que a estrada

é péssima. Mas eles leram, acompanharam “Olha, passou por aqui! Aqui tem o açude.” Tá lá o açude ainda, na época estava sendo construído, tem a fotografia do açude... Super interessante! Então eles tiveram a oportunidade de ver essas coisas e... Minha vontade é fazer um dia com a Casa, de novo essa viagem e...

CF – Ah, super legal!

AA – ...com o pessoal daqui... É, eu já falei com a Nísia...

PE – (??) requisitando (??) (*falam ao mesmo tempo*)...

AA – É, porque a gente tem os dados atuais de doença de chagas com esse trabalho do Roberto, do Borges, lá que foi feito lá... Você não imagina a loucura! Em João Costa, João Costa é um município, a sede é um... na época não tinha... não, tinha luz, não tinha água nas casas... isso agora, recente, não é tão velho não, 2000. E a... tem um centro de saúde bem montadinho, com luz. Então íamos o grupo: o Borges; o Adail, que é da Universidade Federal do Piauí, que formou-se aqui com o Coura, fez o doutorado em Medicina Tropical...; eu; o técnico do Adail, que é imunologista, pra fazer um levantamento de infecção chagásica na população de João Costa. O Alberto também estava lá... Então saiu o pessoal... colhendo sangue, né, e chegavam.... o técnico do Adail pegava aquilo e processava, de madrugada fazia imunofluorescência, às 4, 5 horas da manhã ele já tinha o resultado, no dia seguinte de manhã já estava chamando as pessoas pra fazerem exame... o eletrocardiograma, chegava aquela fila de gente querendo fazer o “elétrico”, (*risos*) – depois que se espalhou a notícia todo mundo queria fazer o “elétrico” ... – e o Borges lá, ficou mandando fazer anamnésia, passando ficha, aquela coisa... tirando pressão, né?... Passava a ficha pra o Borges, o Borges tratava o paciente, tratava lá as coisas, aquele... aquele, pachorrento pra diabo, né?! “Ah, não fica olhando pra o pé do doutor não. O pé do doutor está descalço é pra fazer aqui contato com a terra, pra esse negócio funcionar!” (*risos*) Um calor infernal! Ninguém agüentava isso! Mas, enfim, a gente via... o universo da população... nós entrevistamos um por um, dentro de cada casa... Tem cada casa geo-referenciada com (*TDS?*) ... Houve uma distribuição assim da doença porque, da infecção. Da doença não, da infecção, pela região. Da doença também porque se fez o quadro clínico. Um negócio fantástico! Continua sendo feito da mesma maneira que se fazia antes. (*CF fala algo*) E com a gente tinha aluno, tanto do Piauí quanto daqui. Que o Alberto (??). O Alberto é médico, por acaso, mas tinha veterinário também, que era do Piauí. Estava trabalhando com (??) nos porcos, né? Enquanto a gente fazia a entrevista com o chefe da casa, com o chefe ou a chefe da casa, estava lá o coitado correndo atrás do porquinho pra ver se tinha lesão no (*olho?*) (*risos*)!

CF – Muito legal isso!

AA – E tinha o Valmir que trabalhava com a possibilidade de infecção chagásica em... em cabra, e aí pedia pra as pessoas prenderem as cabras no curral, porque elas são criadas soltas, né, aí prendia no curral, a gente entrava no curral, segurava no pescoço da cabra, montava na cabra, segurava no pescoço da cabra e “puf!” enfiava a agulha pra puxar sangue pra fazer sorologia. Isso no chiqueiro quando a cabra não dava umas rasteiras na gente, a gente caía naquela sujeira... Mas, enfim... (*falam ao mesmo tempo*)

CF – Essa experiência é muito rica, né, Adauto? É até uma coisa legal de ser divulgada, né?

AA – Eu estou tentando escrever essa história, sabe?

CF – Ainda mais que você tem fotos, né? E fica uma coisa, merecia, né?

AA – É, tenho bastante fotografia. Dá um belo...

CF – Né? Um belo trabalho.

AA – Eu estou escrevendo como história da Paleoparasitologia. Ainda nem mostrei pra o Luis Fernando. (*risos*) Estou quase acabando. É isso, eu acho que...

CF – Paulo, você quer perguntar mais alguma coisa? A gente pode fechar por aqui, foi ótimo. Obrigada, Adauto...

AA – Fotografia, se vocês precisarem...

CF – Não, a gente quer, tá?!

AA - ...lá do Piauí, essas coisas...

CF – Não, eu acho que seria interessante poder..., né, fazer uma referência a esse trabalho e ilustrar com algumas fotos dessa época.

AA – São... a melhor coisa que eu já fiz na vida foi... foram duas semanas de curso de treinamento de exame parasitológico de fezes lá em São Raimundo Nonato. A gente chamou... pusemos um anúncio, na época não tinha nada lá, era... tinha uma escola de Contabilidade que a gente pediu emprestado, a (*Liege?*) pediu emprestado. Estava de férias. Nós usamos em julho e fomos eu e o Benjamim... – vocês têm que entrevistar o Benjamim. Era técnico aqui da Escola na época do Blois ainda – e...

PE – Benjamim... como é o nome dele?

AA – Benjamim Martins (?) Filho. O telefone dele mudou agora...

PE – Tá aposentado?

AA – É. O filho dele trabalha com o Luis Fernando, o Paulo César. Era motorista do Luis Fernando, foi motorista do Blois, motorista do Luis Fernando, depois fez curso de técnico, foi técnico de laboratório e aposentou-se. E o Miguel, que já morreu, Miguel de Souza, a gente foi dar esse curso lá. E veio menino, né, de tudo quanto era lado. E técnico da SUCAM, guarda da SUCAM (??) meninos lá do interior. E o garoto, esse foi um sucesso! Esse menino... quando... o primeiro dia de aula, ele “Dr. Miguel, eu não vou acertar com esses ‘parafuso’ aqui não!”, o micrométrico do... Esse cara, ele fez esse curso... o pai dele tinha uma roça,

quando houve umas mudanças lá do parque, deslocamento do parque, deslocamento do povoado, eles passaram a ter uma barrquinha na feira no final de semana, vendendo alho... pimenta-do-reino, esses temperos... E eu vi durante muito tempo esse menino, depois de ter feito o curso, ele trabalhou com a gente no projeto dos italianos, acabou o dinheiro, ele vendia alho na feira. Um belo dia eu encontro com ele, ele diz: “Ó, doutor, tenho uma surpresa! Tô fazendo faculdade de Biologia.” Lá, fazendo Faculdade de Biologia. Aí fez a faculdade de Biologia, quando ele estava no 2º ano, eu consegui uma bolsa do (?) pra ele, ele veio aqui pra Fiocruz...

CF – Que legal!

AA – ...aí passou aqui o período de férias, aqui com o Borges, comigo, com o Ana (?), enfim... Toda a vez que a gente vai pra lá ele ajuda a gente no trabalho e agora é professor da universidade. Isso não foi pelo mestrado, foi por conta do curso de inglês. Ele ficou... a barreira foi o curso de inglês que ele não conseguiu entrar.

CF – Puxa, que (*passagem?*), né?!

AA – (*Ele tá voltando?*). Claro, é mais velho, já tá com uma certa idade, acho que está chegando nos 30 anos agora... Mas foi assim... um sucesso, né?

CF – Um barato, né, isso?!

AA – Muito legal. Tudo decorrente desse curso do Benjamim com o Miguel. (????) muito bom.

CF – (???) Tá bom, Adauto, obrigada.

AA – De nada. Obrigado. (*interrupção da gravação*)

\*Esta fita não foi gravada integralmente (aproximadamente 55 minutos)